

Fontes para a História da Educação: a imprensa goiana no século XIX

TATIANA SASSE FABIANO RIBEIRO¹

Entendemos que os resultados de uma pesquisa histórica são significativamente afetados, comprometidos, pelas fontes encontradas, escolhidas e utilizadas durante o processo de estudo. Indo além: eles são produtos das perguntas e interpretações feitas pelo pesquisador diante das fontes eleitas. Com isso não queremos delegar às fontes um papel determinante e exclusivo na realização de pesquisas históricas, atribuindo ao pesquisador a mera função de leitor. O que queremos é assinalar que o trabalho do pesquisador consiste em selecionar cuidadosamente as fontes disponíveis, interpretá-las, cruzá-las, examinar miudamente à luz do que se tem historicamente produzido acerca do tema pesquisado, para, por fim, encontrar algumas respostas às suas perguntas. Não podendo “voltar” literalmente ao passado, são as fontes que nos trarão as pistas para desvendar o tema pesquisado.

Posto isso, claro fica que a pesquisa histórica não consiste em uma ciência impessoal, exata e isenta. Pelo contrário, a pessoa do autor transparece desde a seleção das fontes a serem investigadas até a interpretação que delas se faz. O pesquisador se faz presente nas entrelinhas de seu texto, nas escolhas feitas durante o trabalho, nos caminhos escolhidos em detrimento de outros. Cabe a ele o compromisso não com a verdade absoluta dos fatos – termo complicado de se atribuir às pesquisas históricas –, mas com a seriedade do trabalho acadêmico e com o estabelecimento de critérios científicos. Toda pesquisa histórica é também interpretação e política.

Sabemos que a análise dos processos educativos de uma sociedade, foco desse trabalho, passa pelo estudo de sua história, uma vez que são práticas determinadas por seu contexto histórico, social, econômico, político e cultural. Não podemos entender a educação de um povo sem voltar às suas raízes, a seu passado, quando pretendemos compreender como as práticas atuais se consolidaram, o que inclui observar e analisar mudanças e permanências sofridas nos processos educacionais em diferentes tempos e espaços.

¹ Tatiana Sasse Fabiano Ribeiro é mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação – UFG. O presente trabalho é parte de sua pesquisa da Dissertação de Mestrado intitulada “‘Ilumina o país em que nasceste’ – Instrução e civilização na imprensa goiana: A *Matutina Meiapontense* (1830-1834)”.

Partilhamos da compreensão de que:

[...] ação da mão sobre papéis, sobre telas, sobre pedras e onde mais for possível deixar traços, a escrita registra, inventa e conserva sempre *mais ou menos*, ao contar, muitos atos da experiência humana. Como ferramenta de uso social, a escrita

pode salvar do esquecimento ao fixar no tempo vestígios de passados e, assim, escrever se constitui em uma forma de produção de memória e, por conseguinte, em instrumento de construção do passado. O historiador Roger Chartier lembra que, por meio da escrita, em seus vários suportes, são fixados os “traços do passado, a lembrança dos mortos, ou a glória dos vivos”. (CUNHA, 2015, p. 251).

Tratar de um tema de pesquisa na história da educação exige um movimento de sua problematização diante da fonte, ou das fontes, para alcançar respostas que serão analisadas e confrontadas com os aspectos teóricos que sustentam a pesquisa. No caso desta pesquisa, julgamos importante percorrer um caminho que apresente e indague a fonte – no caso a imprensa não pedagógica² – no interior dos pressupostos teóricos, para nós, da história cultural. Trata-se de pressupostos que fazem parte de um debate de paradigmas da história, razão por que é conveniente situá-los com o propósito não de detalhá-los com mais precisão, mas dentro das exigências que possibilitem a compreensão.³ Sobre nossa escolha de referencial teórico, concordamos com Burke (2008, p. 163), não defendendo puramente que:

[...] a história cultural seja a melhor forma de história. É simplesmente uma parte necessária do empreendimento histórico coletivo. Como suas vizinhas – história econômica, política, intelectual, social e assim por diante –, essa abordagem ao passado dá uma contribuição indispensável à nossa visão da história como um todo, “história total”, como dizem os franceses.

De acordo com os pesquisadores franceses Bourd e e Martin (1983), com o surgimento da Escola dos Annales e, posteriormente, com o advento da História Nova, surge um leque de possibilidades de trabalho com fontes não oficiais que at e então não eram consideradas no trabalho do historiador. Estas escolas históricas, datadas, respectivamente, de 1930 e 1978, em suma apresentam métodos que consideram a extraordinária complexidade dos fen menos sociais e a multiplicidade das inter-rela es entre os diferentes níveis da realidade, aproximando a História de outras ciências humanas, na tentativa de uma história total, que aborde todos os aspectos das atividades humanas.

² A imprensa surge no Brasil com a vinda da família real, em 1808. A institucionaliza o da escola como principal espaço educativo e a conseqüente preocupa o com a publica o de materiais didáticos são uma característica do século XIX e estão vinculadas, na maioria dos casos,   forma o do Estado-Na o. Na primeira metade do século XIX no Brasil, a imprensa pedagógica – isto  , a impressão de livros, manuais, revistas, voltados exclusivamente para o contexto educacional –   ainda pouco difundida, verificando-se apenas iniciativas esporádicas.   s  a partir de 1870, com o crescente discurso republicano, que a imprensa pedagógica ganha notável incremento na produ o de livros didáticos, manuais escolares, revistas de ensino e outras publica es destinadas exclusivamente   questão da educa o. Ver mais em: Kreutz e Kreutz (2002); Catani (1996) e Baldan (2014).

³ Para um entendimento mais profundo a respeito das perspectivas teóricas históricas, sugerimos a leitura de Bourd e e Martin (1983).

A ampliação de fontes para a escrita da história, proporcionada pelos debates e escolas supracitados, proporcionou a produção de temas e objetos nas distintas periodizações e especificidades da historiografia. Esse movimento alcançou, igualmente, o campo da história da educação, ampliando, em meio a fontes escritas, iconográficas, orais, materiais e outras, significativamente, sobretudo nas duas últimas décadas, o número de produções sobre distintos campos educacionais, sejam estes formais ou informais. Documentos que antes pareciam não oferecer dados, que estavam esquecidos, foram vistos com outros olhares.

Dentre esses documentos, podemos citar publicações impressas informativas com distintos objetivos, que chamamos de imprensa escrita. Trata-se de jornais, revistas, folhetos, almanaques, publicados temporariamente e sequencialmente para públicos diversos: pais, alunos, público em geral, mulheres, crianças etc. Esses materiais, tomando a devida proporção de cuidados, indicam aspectos da educação, ou instrução, em tempos e lugares variados. A imprensa escrita nos possibilita também a compreensão de facetas da sociedade e da cultura de um determinado período e lugar que, partindo do entendimento da educação como processo social, nos permitem decifrar aspectos educacionais daquele momento histórico.

No Brasil, a imprensa exclusivamente pedagógica surgiu na segunda metade do século XIX, em especial nas duas últimas décadas dos Oitocentos. No recorte da presente pesquisa – os anos iniciais após a proclamação da independência do país –, era mais comum abordar a instrução no interior da imprensa que incluía em suas páginas diferentes temas. Dessa forma, não é exclusividade da imprensa com fim pedagógico tratar da educação formal ou informal. A imprensa não pedagógica, seja oficial ou não, constitui-se em rica fonte para a produção de pesquisas da área, pelo estilo de escrita, de origem, direcionamentos, tempo, lugar etc. É o caso dos jornais, imprensa não pedagógica, que também podem ser válidos para a compreensão dos processos educativos, sobretudo na ausência da imprensa especificamente educacional.

Para Bastos (2002, p. 151-152), “[...] a partir da necessidade de informar sobre fatos, opiniões e acontecimentos, a imprensa procura engendrar uma mentalidade – *uma certa maneira de ver* – no seu destinatário, constituindo um público-leitor”. E é justamente essa função de mediador cultural e ideológico ocupada pela imprensa na sociedade que faz dela uma importante fonte para a história da educação. De acordo com Luca (2015), até 1970, no Brasil, as pesquisas históricas que utilizavam a imprensa como fonte ainda eram poucas. A partir das renovações no campo dos estudos históricos (conforme explicitado anteriormente),

Assim como afirma Nóvoa (2002) sobre o papel que o jornal ocupa no seio da sociedade, sobretudo no século XIX, Faria Filho (2002, p. 134) assinala que no Brasil,

[...] como em outros lugares do mundo, o jornal foi visto como uma importante estratégia de construção de consensos, de propaganda política e religiosa, de produção de novas sensibilidades, maneiras e costumes. Sobretudo os jornais foram vistos como importante estratégia educativa.

Para o trabalho com a imprensa como fonte de pesquisa, Luca (2015, p. 132) orienta que o primeiro aspecto a ser destacado deve ser a materialidade do impresso. “Historicizar a fonte requer ter em conta, portanto, as condições técnicas de produção vigentes e a averiguação, dentre tudo que se dispunha, do que foi escolhido e por quê”. Além disso, a pesquisadora sugere a análise de vários aspectos que acompanham os periódicos: as imagens, a relação que manteve (ou não) com o mercado, a publicidade, o público a que se destinava, a análise do discurso utilizado, a identificação cuidadosa do grupo responsável pela linha editorial, a escolha dos títulos e as fontes de informação.

No sentido também de nortear a pesquisa histórica, Nóvoa (2002) apresenta múltiplas perspectivas de se interrogar a imprensa. O autor sugere a análise do significado que esta assume ao longo dos séculos XIX e XX como difusora de ideias e esclarecimento da população e a forma de sua utilização pelos diversos atores educativos (professores, associações, instituições oficiais etc.). Orienta que se considere ainda a pluralidade de objetivos percebidos nas próprias páginas do impresso (profissionais, informativos, doutrinários etc.).

Cabe aqui considerar que o trabalho com a imprensa, assim como com qualquer outra fonte, dependerá daquilo que LaCapra (1998, p. 247) nomeia as perguntas corretas: “[...] un hecho es un echo pertinente sólo con respecto a un marco de referencia que implica preguntas que hacemos al pasado, y lo que distingue al saber productivo es la aptitud de plantear las preguntas ‘correctas’ ”.

Ainda nesse movimento, vale ressaltar, com Chartier (2011, p. 353), que:

[...] é apenas pela decifração da lógica que governa as práticas da representação, que jamais são neutras, que estão sempre indissociavelmente ligadas a questões, estratégias e conflitos específicos, que se pode apreender, de uma certa maneira, as práticas representadas e conduzir sobre elas uma análise, difícil e instável.

Assim, Bastos (2002) pontua que o estudo da imprensa como fonte de pesquisa deve ser submetido ao crivo de uma acertada crítica documental. Para a autora, é preciso desmontar o texto da imprensa a fim de se analisar seus significados e contradições, submetendo a fonte

a leituras que não são únicas nem tampouco harmoniosas. Pelo contrário, o discurso veiculado pelo periódico “[...] torna-se plural, aberto à releitura e não mais objeto de consumo passivo, mas objeto de trabalho, através do qual o leitor produz significado” (BASTOS, 2002, p. 153).

Percorrer as páginas de um jornal da primeira metade do século, mesmo tentado focar no objeto proposto – tarefa quase impossível –, indicou a pluralidade e as diferentes propostas de leituras e releituras possíveis. Certamente que até o tema da instrução pode ser abordado em outras perspectivas, afinal, as vistas e as lupas das leituras e dos leitores pesquisadores são particulares, distintas, e podem alcançar o que não foi visto. Ou o que não foi dito.

Em Goiás, temos no periódico *A Matutina Meiapontense*, o nascimento da imprensa goiana, em 1830. Trata-se de iniciativa de um particular, a saber, o Comendador Joaquim Alves de Oliveira, que adquire a tipografia no Rio de Janeiro e a instala em Meia Ponte (Pirenópolis). Este jornal tinha o Padre Luiz Gonzaga de Camargo Fleury como redator principal.

A respeito da circulação de jornais em Goiás no século XIX, o estudo de Barra e Fabiano (2010) sobre a obra de Lôbo (1949), intitulada *Contribuição à história da imprensa goiana*, nos permite ver o seguinte quadro, indicando os nomes dos periódicos, as datas de circulação e as pessoas que estavam à frente dos respectivos jornais:

Quadro 1 - Cronologia dos periódicos criados em Goiás no século XIX

Nome	Período	Iniciativa
<i>A Matutina Meyapontense</i>	1830-1834	Joaquim Alves de Oliveira
<i>Correio Oficial</i>	1837-	Governo de Goiás
<i>O Goiano</i>	1846 – ...	Iniciativa particular
<i>O Tocantins</i>	1855–1857	Coronel Felipe Antônio Cardoso de Santa Cruz
<i>Imprensa Goiana</i>	1860-1860	Padre Tito de Souza Rego e Carvalho
<i>Alto Tocantins</i>	1860-1860	Umbelino Godinho Galvão de Moura Lacerda
<i>Alto Araguaia</i>	1866-1873	Major Antônio Pereira de Abreu
<i>Monitor Goiano</i>	1866-1867	Dr. Antônio Felix de Bulhões Jardim e tenente José Inácio Azevedo
<i>O Cidadão</i>	1867-1867	Luiz Gonzaga Confúcio de Sá
<i>Província de Goiás</i>	1869-1873	Major Inácio Soares de Bulhões
<i>O Progresso</i>	1870-1871	Estudantes do Liceu Goiano
<i>Aurora</i>	1873-1873	Drs. José Leopoldo de Bulhões Jardim, Olegário Herculano da Silveira Pinto, Francisco Cardoso de Santa Cruz, João Antonio da Costa Campos
<i>Regeneração</i>	1878-1879	Cândido da Costa Oliveira
<i>A Tribuna Livre</i>	1878-1884	Dr. Antônio Félix de Bulhões Jardim (redator), José do Patrocínio Marques Tocantins (editor)
<i>O Comércio</i>	1879-1884	Major Antonio Pereira de Abreu Luiz Gonzaga Jaime
<i>Empresa do Araguaia</i>	1882-1883	Coronel José Inácio Correia de Moraes
<i>Bocaiúva</i>	1882-1883	Coronel Manuel Alves de Castro
<i>O Porvir</i>	1882	Órgão do Clube Juvenil
<i>Província de Goiás</i>	1883-1884	João Fleury de Campos Curado

<i>Goiás</i>	1884	Drs. Antônio Felix de Bulhões Jardim e Major Inácio Soares de Bulhões
<i>O Publicador Goiano</i>	1884-	Tocantins & Aranha
<i>O Libertador</i>	1885	Dr. Antônio Felix de Bulhões Jardim
<i>Aurora</i>	1885	Florianio Florambel
<i>Bouquet</i>	1885-1886	Alfredo Barros
<i>Constitucional</i>	1885-1888	Coronel José Gonzaga Sócrates de Sá
<i>O Brasil Federal</i>	1886	Dr. Joaquim Xavier Guimarães
<i>Canário</i>	1887-1888	Sem identificação
<i>O Phenix</i>	1887-1888	“Moços idealistas”, Rafael Américo Torres (redator)
<i>O Astro</i>	1887-1889	Avelino de Paiva (redator)
<i>O Beija-Flor</i>	1887	-
<i>A União</i>	1888	João da Rocha Vidal
<i>Azilo da Razão</i>	1888-1889	Drs. José Leopoldo de Bulhões Jardim, João Teixeira Álvares, Francisco de Paula Alvelos, Coronel José Gonzaga Sócrates de Sá
<i>Gazeta Goiana</i>	1889-1891	Monsenhor Inácio Xavier da Silva
<i>A Cruz</i>	1890-1891	Frei Gil Vila Nova
<i>Estado de Goiás</i>	1891-1897	Monsenhor Inácio Xavier da Silva, Luiz Gonzaga Jaime, Major Augusto Alves de Castro
<i>A Voz do Artista</i>	1891-1994	“Órgão da classe operária”
<i>Jornal e Goiás</i>	1892-1893	Pacífico Marques Aranha
<i>O Goiano</i>	1892-1893	Major Luiz Monteiro
<i>A República</i>	1896-1897	Drs. João Alves de Castro, A. Ramos Caiado e Hermenegildo Lopes de Moraes (redatores)
<i>A República</i>	1897-1900	Luiz Gonzaga Jaime

Fonte: BARRA; FABIANO (2010).

Em uma província retratada pela historiografia sob o estigma de decadente, pobre e distante, chama-nos a atenção a quantidade de periódicos que circularam durante o século XIX. É possível perceber a variedade dos locais de origem de cada folha, assim como a diversidade dos nomes à frente dessas iniciativas. Não se tinha em Goiás uma imprensa unicamente oficial, a cargo das publicações governamentais. Pelo contrário, vemos, em todo o século XIX, a tentativa de homens públicos em ganhar espaço pelo instrumento da imprensa.

Para o nosso propósito – identificar nas páginas de *A Matutina* pistas sobre a educação goiana do período –, é preciso fazer uma análise desse jornal não apenas lendo o que nele está escrito, mas percebendo os condicionamentos que levam a uma dada compreensão do texto, como nos alerta Chartier (2002, p. 123):

[...] o leitor é, sempre, pensado pelo autor, pelo comentador e pelo editor como devendo ficar sujeito a um sentido único, a uma compreensão correcta, a uma leitura autorizada. Abordar a leitura é, portanto, considerar, conjuntamente, a irredutível liberdade dos leitores e os condicionamentos que pretendem refreá-la. [...] Dessas estratégias, umas são explícitas, recorrendo ao discurso (nos prefácios, advertências, glosas e notas), e outras implícitas, fazendo do texto uma maquinaria que, necessariamente, deve impor uma justa compreensão. Orientado ou colocado numa armadilha, o leitor encontra-se, sempre, inscrito no texto, mas, por seu turno, este inscreve-se diversamente nos seus leitores.

É nesse sentido que pretendemos pensar os homens e as ideias por trás deste periódico e as formas materiais do impresso, entendendo que são fatores determinantes para a compreensão do texto publicado. Ainda que não pretendamos fazer uma história das práticas de leitura de *A Matutina*, as considerações de Chartier nos orientam a observar certos elementos que contribuem para uma interpretação da fonte histórica. É assim que se deve buscar analisar, antes dos textos publicados em um jornal e que versam sobre a temática da educação, os aspectos da materialidade do periódico, a disposição do texto, o posicionamento político dos redatores, os locais de circulação, sua periodicidade e outros fatores que possam nos guiar na interpretação do escrito.

De acordo com Chartier (2002, p. 127), “[...] não existe nenhum texto fora do suporte que o dá a ler, que não há compreensão de um escrito, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele chega ao seu leitor”. Assim, compreender as subjetividades inerentes da imprensa, seja de qualquer espécie, em qualquer tempo ou lugar, é primordial para emitir qualquer espécie de análise, sobretudo em uma pesquisa científica.

Conforme Assis (2007), o jornal *A Matutina Meiapontense*, fundado em 5 de março de 1830, tinha por interesse os ideais do grupo moderado da província goiana, nos anos iniciais do Império, e era comercializado em diversas localidades. Os interessados poderiam assinar a folha nas cidades de Cuiabá (MT), na loja do Senhor João Fleury de Camargo, de Vila Boa (hoje cidade de Goiás, GO), na loja do Senhor Sargento Mor Manoel Francisco Ferreira, na Villa de São João d’El-Rei (MG), na tipografia do jornal *Astro de Minas*, e nos arraiais de Trahiras, na casa do Reverendíssimo Senhor Visitador Manoel da Silva Alvares, e de Meia Ponte (GO), na Tipografia de Oliveira.

Embora não dispomos de muitos dados concretos acerca de quem lia este jornal, ou de quem lia para quem, prática comum em lugares com poucos alfabetizados, foi possível averiguar algumas práticas referentes ao seu uso. Diante do pouco material impresso, como livros, compêndios, cartilhas e outros que fossem úteis para o ensino, este periódico era utilizado como material, provavelmente para o ensino da leitura, como também para inspirar o gosto da leitura no ambiente escolar, como demonstra o excerto de uma correspondência publicada na *Matutina*, em edição de número 31.

Outra prática de leitura, comum nos oitocentos, era de leitura pública, em voz alta, que nos permite pressupor que as discussões promovidas pela *Matutina* alcançavam também um

público não letrado, como percebemos em uma correspondência, publicada no jornal na edição de número 27, de 01/06/1830.

É em um contexto de instabilidade política dos anos finais do Primeiro Reinado que surge *A Matutina Meiapontense*. Mesmo após a abdicação de D. Pedro I, em 1831, as questões políticas no Período Regencial eram efervescentes e ganhavam as páginas de periódicos em todo o país, o que não passava despercebido em Goiás.

De acordo com o editorial em sua primeira edição, *A Matutina Meiapontense* destinava-se a publicar a íntegra dos decretos e resoluções da Assembleia Geral; decretos, provisões e avisos lançados no *Diário Fluminense*, que fossem aplicáveis à província; extratos das sessões das Câmaras Legislativas; atos e discursos dos senadores e deputados, e correspondências de leitores. Em nossas leituras, verificamos o cumprimento dessa proposta, ficando a cargo das correspondências, suas respostas e os textos assinados pelo Redator a ampliação dos debates.

A tipografia esteve sob a responsabilidade de Mariano Teixeira dos Santos, um sapateiro transformado em tipógrafo (BORGES, 1984), que continuou exercendo o ofício mesmo após a venda da tipografia para o governo provincial e, com mais de 35 anos de serviços, foi aposentado como o primeiro tipógrafo da Tipografia Provincial. A Tipografia Oliveira continuou em atividade mesmo após o fim de *A Matutina*, imprimindo os papéis da Assembleia Legislativa Provincial e, em 1836, o *Livro da Lei Goiana*, primeira composição editada em Goiás.

Também, em sua primeira edição, os redatores do jornal falam do esforço de trazer ao interior do Brasil um empreendimento nos moldes de um jornal:

Talves pareça mais que audacia, o pertender eu offercer aos meus Patricios Goyanos, hum Periodico, em hum Arrayal, se bem que o mais populoso da Provincia, falto todavia de communicacoens, por estar situado fora da Estrada geral, e distante de Goyas 26 legoas, para onde unicamente tem hum Correio mensal. Talvez haja mesmo quem diga, que a empresa he superior as minhas forças e que não calculei atarefa que me impuz: eu concordo com todos e he mesmo porque reconheço a pobreza dos meos talentos, que nenhum outro nome mepareceo taõ analogo a este Periodico, como o de Matutina: cuja luz muito pouco clarêa, mas como não se lhe pode negar ser a Precursôra do Dia, creio que assim mesmo hirei dissipando as trevas, ate que Espiritos illuminados queiraõ espalhar suas luzes. Possuido pois de hum verdadeiro Patriotismo, so tendo em vista o bem sêr da Naçaõ e socorrido pelas sabias doctrinas da Aurora, Astro, Pharol, e outros mais Periodicos verdadeiramente amigos do IMPERADOR, e do Brasil espero satisfazer o que tenho emprehendido. (A MATUTINA MEIAPONTENSE, n. 1, 05/03/1830, p. 1).

Assim como os três jornais tidos como modelo, *A Matutina* era organizada em duas colunas e quatro páginas. A primeira seção, e a mais extensa, destinava-se aos *Artigos de officio*, na qual se publicavam notícias da Corte, extratos de outros periódicos acerca de questões políticas, atas da Câmara dos Deputados da Corte e do Conselho Geral da Província, estas últimas assinadas pelo secretário do Conselho, Luis Bartholomeu Marques. O editorial do periódico não possuía título de seção, mas trazia, ao final, a assinatura “Do Redactor”. Havia também uma seção fixa, a princípio, intitulada *Correspondencia*, e outras que apareciam esporadicamente, como é o caso das seções: *Maximas*, destinada a textos com a finalidade de divulgar princípios ou regras de conduta, normas morais; *Anedocta*, *Annuncios* e *Variedades*. Esta última, em geral, trazia notícias de acontecimentos e curiosidades da Europa e assuntos referentes a realezas europeias.

Aberto aos leitores desde sua primeira edição, o jornal recebia significativo número de correspondências sobre os mais diversos assuntos e vindos de variadas localidades, o que reforça ainda mais nossa compreensão da existência sim de uma elite letrada, interessada e disposta para o debate público em Goiás, no início do século XIX. Por vezes, essas correspondências suscitavam respostas do redator do periódico, como que julgando o fato exposto, a favor ou não do reclamante. Quando existiam, as respostas do redator eram publicadas logo após a correspondência a que se referia. Após o primeiro ano de publicação de *A Matutina*, as cartas de leitores deixaram de ser tão frequentes, e as questões políticas, sobretudo em extratos de outros periódicos, passaram a ter ainda mais lugar, provavelmente em decorrência da instabilidade política característica do fim do primeiro reinado e presente em todo o período regencial.

Em seu primeiro número (5 de maio de 1830), a periodicidade informada para o jornal era de duas vezes na semana, às terças e sextas-feiras. Já na edição de 27 de maio de 1830 (nº 25) é informado um aumento nos dias de circulação, passando o jornal a sair três vezes por semana, a saber, às terças, quintas-feiras e sábados. O fato de, em menos de três meses, a periodicidade do jornal ter aumentado é para nós indício de que *A Matutina* foi bem-recebida pelos goianos e corrobora o que já afirmamos a respeito da presença de um coletivo entusiasmado pelo debate público. Outra justificativa são certamente os embates políticos característicos do fim do Primeiro Reinado, já pontuados. Em 16 de maio de 1832, o periódico volta a ser publicado duas vezes por semana, às quartas-feiras e sábados, e assim mantém até seu último número, em 1834.

Em 1834, os trabalhos da Assembleia Legislativa estavam se findando e o Ato Adicional recebia os últimos reparos. O grupo dos liberais moderados dominava os espaços políticos da Província de Goiás. A pioneira experiência de imprensa de opinião pública em Goiás chegava ao fim, pois a máquina administrativa provincial já estava controlada e, neste momento, a crítica ao governo e a agitação da “opinião pública” seriam prejudiciais aos interesses do grupo que alcançou o poder dentro da Província na Regência. Desde então, a imprensa deixou de ser a forma privilegiada de lutar pelos interesses do grupo de Meia Ponte e a administração pública ocupou o seu lugar. (COSTA, 2013, p. 36).

Predominavam nas páginas de *A Matutina* os assuntos de cunho político sobre o governo local e a Corte. Também notícias de outras províncias, em especial do Mato Grosso, embora também aparecessem apontamentos sobre Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. Nas páginas de *A Matutina*, encontramos cento e quatro referências diretas a questões alusivas à educação e instrução, como mostra a tabela 1. São editoriais, correspondências, artigos de ofício, transcrições de debates da Câmara Municipal de Meia Ponte e de sessões do Conselho de Governo da província que, direta ou indiretamente, trazem temas pertinentes à instrução e educação do período. A leitura e análise desses textos muito contribuem para o estudo da história da educação goiana.

Tabela 1 - Quantidade de edições de *A Matutina* e de referências à educação, por ano.

Ano	Quantidade de edições publicadas	Quantidade de referências encontradas sobre educação
1830	118	22
1831	157	18
1832	123	25
1833	104	36
1834	24	03

Fonte: Pesquisa do autor.

Os textos selecionados abordam temas diversos que versam sobre criação de escolas na província, provimento de professores, falta de material, a importância da instrução e vários outros. É válido mencionar que, não necessariamente, nas referências destacadas a questão da instrução se faz tema central. Por vezes, dentro de um texto sobre assuntos políticos, ou de

uma correspondência sobre situações cotidianas, por exemplo, encontramos alusões a contextos da educação que julgamos importante enfatizar.

Uma análise geral das referências encontradas nos leva a perceber a presença de diferentes temas e fontes recorrentes nas páginas de *A Matutina*. É o caso de discussões sobre criação de aulas e provimento de professores, envolvendo tudo que a isso se refere, como exames de professores, ordenados, requerimentos tanto para serem providos mestres, quanto cadeiras, em localidades diversas. Esse é o assunto que aparece em todos os anos de circulação do periódico. Também aparecem com frequência textos exaltando a importância da educação para o desenvolvimento da sociedade. Nesses casos, a educação surge como possibilidade de caminho para se alcançar o progresso da nação. É ela que poderá fazer com que o Brasil se equipare às nações estrangeiras, modelo de civilização e desenvolvimento.

Outros temas frequentes dizem respeito a aspectos sobre o cotidiano escolar, no que se refere à cultura material, como instrumentos didáticos, método de ensino e frequência de alunos. Nesses casos, encontramos registros de solicitação de lousa para o ensino de geometria, anúncio de publicação de livros no formato de enciclopédia, determinações sobre os métodos de ensino individual e mútuo e registro de frequência de alunos em Goiás e outras localidades.

Pela proposta anunciada do periódico, a grande maioria das referências à educação vistas em *A Matutina* diz respeito a registros em atas de sessões ordinárias publicadas no periódico, de discussões realizadas pelo Conselho da Província ou em Câmaras Municipais. Nesses casos, não há posicionamento explícito dos redatores de tais materiais acerca do tema tratado, para cujo relato são destinados, em geral, um ou dois parágrafos. Contudo, entendemos que nem por isso esses anais deixam de ser fontes históricas importantíssimas para compreendermos nosso objeto, a educação goiana nos anos de 1830.

Em outros momentos, deparamo-nos com textos mais densos sobre a questão educacional, como correspondências, editoriais e extratos de outros periódicos. Nessas passagens, a posição do redator é notória e nos dá indícios para perceber o lugar que a educação ocupava para aqueles que estavam por trás de *A Matutina*. Entendemos que, mesmo não tendo sempre assinado suas matérias, esses homens apareciam no discurso veiculado, uma vez que era eles que definiam o que seria ou não publicado no jornal. A julgar pelos textos de outros periódicos e das correspondências que, perante os olhos dos redatores, eram publicados, somos levados concluir que eles estavam de acordo com o teor de seus escritos.

Isso porque, se não estivessem, poderiam se posicionar, por exemplo, mediante a publicação de uma réplica no caso das correspondências.

Elegendo a imprensa não oficial como fonte de pesquisa e trazendo informações de outros pesquisadores, percebemos que as dificuldades enfrentadas pela província de Goiás, em relação à educação, nos anos iniciais do Império, não eram muito diferentes das percebidas em todo o país. Além disso, é preciso ter em mente sempre as questões de localização geográfica e o tempo de fundação da província goiana, características que a diferiam das províncias tidas como exemplo.

Ao selecionarmos a imprensa goiana dos anos 1830 como fonte principal de nossos estudos, deparamo-nos com aspectos da história goiana que, a nosso ver, contribuem para novas interpretações de nossa história. Não negando de forma alguma as dificuldades econômicas enfrentadas por Goiás no início do século XIX e todas as consequências decorrentes nos mais variados campos, sejam social, cultural ou político, entendemos que a decadência das minas não necessariamente impossibilitou o desenvolvimento cultural e social da região. Pelo contrário, a estagnação da mineração apenas deu lugar a formas de socialização, civilização e desenvolvimento diferentes dos anteriores, época dos tempos áureos da exploração do ouro.

Os textos publicados sobre a educação no jornal *A Matutina Meiapontense* nos elucidam aspectos da educação goiana, em um momento de criação de várias aulas na província, de necessidade da promoção da educação em várias vilas e arraiais, e de discussão sobre os melhores métodos para se obter resultados mais eficazes no que concerne à educação do povo. Considerando o momento histórico em que esse jornal circula em terras goianas, percebemos os temas em conformidade com o que se debatia em todo o país, em um tempo de construção da identidade nacional. Assim, a educação era uma aliada para o processo civilizatório em curso, posto que o problema da instrução pública era amplamente debatido nas Assembleias e as primeiras leis de ensino estavam sendo construídas para uma nação que acabara de nascer.

Nas edições analisadas, é possível perceber também características e enfrentamentos da educação nos anos 1830. Nesse sentido, a pesquisa tem contribuído para se pensar o lugar de destaque conferido à educação naquele período, lugar esse sempre atrelado à ideia de progresso, de civilização, de desenvolvimento e iluminação do povo, em harmonia com os ideais defendidos pela elite dirigente do Império. Dessa maneira, a educação é concebida

como possibilidade de ascensão do Brasil perante as “nações cultas”, sem a problematização que aqui colocamos (porém sem exigi-la dos homens por trás de *A Matutina*) de se pensar as condições históricas de tal educação.

Nossa proposta de pesquisar a história da educação goiana nos anos seguintes à independência, tendo a imprensa como fonte para desvendar pistas sobre esse processo, não tem a pretensão de esgotar todas as possibilidades de construção da história. Como afirmamos, entendemos a História Cultural como uma das formas de se fazer pesquisa historiográfica, com a intenção de contribuir com aspectos deixados de lado por outras vertentes. Assim, deixamos abertas as oportunidades de novas pesquisas dentro do tema proposto, visto que inúmeros caminhos ainda podem ser seguidos. Tal constatação nos incentiva a continuar nossos estudos, no sentido de contribuir para diminuir as lacunas de pesquisas referentes à história da educação goiana, sobretudo nos anos iniciais do século XIX, e permitir um conhecimento mais aprofundado de nossa história.

Bibliografia

A MATUTINA MEIAPONTENSE. Goiás, n. 1, 5 mar. 1830.

ASSIS, Wilson Rocha. *Os Moderados e as Representações de Goiás n’A Matutina Meiapontense (1830-1834)*. 2007, 102 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007.

BALDAN, Merilin. Imprensa pedagógica brasileira: o papel de Fernando de Azevedo como editor da Série Atualidades Pedagógicas (1931 a 1939). In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH – RI: SABERES E PRÁTICAS CIENTÍFICAS, 16., 28 de julho a 1º de agosto de 2014, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: ANPUH, 2014.

BARRA, Valdeniza Maria Lopes da; FABIANO, Tatiana Sasse. Livros e leituras em Goiás no Século XIX: entre o gabinete e a tribuna. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA ANPED CENTRO-OESTE: DESAFIOS DA PRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO DO CONHECIMENTO, 10., 2010, Uberlândia, MG. *Anais...* Uberlândia: FAGED, 2010. CD ROM.

BASTOS, Maria Helena Câmara. Espelho de papel: a imprensa e a história da educação. In: ARAÚJO, José Carlos Souza; JÚNIOR, Décio Gatti (Org.). *Novos temas em história da educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa*. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2002.

BORGES, Humberto Crispim. *O Pacificador do Norte*. Goiânia: Ed. Cerne, 1984.

BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. *As escolas históricas*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1983. (Coleção Forum da História).

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Trad. Sergio Goes de Paula. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro, Zahar, 2008.

CATANI, Denice Barbara. A imprensa periódica educacional: as Revistas de Ensino e o estudo do campo educacional. *Educação e Filosofia*, p. 115-130, jul.-dez. 1996.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. 2. ed. Alges, Portugal: Difel, 2002.

CHARTIER, Roger. A verdade entre a ficção e a história. In: SALOMON, Marlon. (Org.). *História, verdade e tempo*. Chapecó, SC: Argos, 2011.

COSTA, Thalles Murilo Vaz. *Opinião pública e linguagem política no A Matutina Meiapontense (1830-1834)*. 2013, 190 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

CUNHA, Maria Teresa. Diários pessoais: territórios abertos para a história. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *O historiador e suas fontes*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. O jornal e outras fontes para a história da educação mineira do século XIX: uma introdução. In: ARAÚJO, José Carlos Souza; JÚNIOR, Décio Gatti (Org.). *Novos temas em história da educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa*. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2002.

KREUTZ, Lúcio; KREUTZ, Sophia. Impressos pedagógicos: afirmação do projeto republicano e contraposições (1870-1920). *Revista História da Educação*, v. 6, n. 11, 2002.

LACAPRA, Dominick. Repensar la historia intelectual y leer textos. In: PALTÍ, José Elias. *“Giro Lingüístico” e história intelectual*. Buenos Aires: Quilmes, 1998.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *O historiador e suas fontes*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

NÓVOA, António. A imprensa de educação e ensino: concepção e organização do repertório português. In: CATANI, Denice Barbara; BASTOS, Maria Helena Camara (Org.). *Educação em revista: a imprensa periódica e a história da educação*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.